



Revista da Academia Lagartense de Letras



Lagarto - Sergipe N. 7/ v. 1 - Dez. 2020

Dossiê José Corrêa Sobrinho

ISSN 2594-5378



Número 07 - v. 1

Dossiê José Corrêa Sobrinho

(Edição eletrônica— ISSN 2594-5378)

Instalada no dia 19 de abril de 2013, a Academia Lagartense de Letras reúne intelectuais e agentes culturais de diversas áreas, com importantes ações desenvolvidas na sociedade e inúmeros trabalhos publicados. Ao longo de sua existência, vem se pautando pela defesa da língua nacional e do patrimônio cultural local, representado que é por sua tradicional História, cujas primeiras notícias remontam ao século XVI. Criada para ser instrumento de divulgação da produção lítero-cultural e científica de seus membros, a Revista da Academia Lagartense de Letras também receberá trabalhos da comunidade, incluindo a escolar, com vistas a manter uma estreita relação de interlocução com os sujeitos produtores e gestores de saber, arte e cultura.

Lagarto—Sergipe

2020

© 2020 Revista da Academia Lagartense de Letras

Editor Chefe

Paulo Andrade Prata.

Editores Gerentes:

Claudefranklin Monteiro Santos
Taysa Mércia Santos Souza Damaceno

Editores de Comunicação:

Alessandro Santos Monteiro
Maria Angélica Amorim Correia.

Conselho Editorial:

Aglaé d'Ávila Fontes
Antônio José Monteiro Rocha
Beatriz Góis Dantas
Deijaniro Jonas Filho
Euclides Oliveira Santos
José Carvalho de Souza, Mons
Maria do Carmo Oliveira da Fonseca
Noeme da Silva Dias
Paulo Sérgio Oliveira Nunes
Rodrigo Freire de Amorim
Rosalvo Andrade Nogueira

Conselho de Pesquisa, Revisão e Normas Técnicas

Anselmo Vital de Oliveira
Assuero Cardoso Barbosa
César de Oliveira Santos
Jane Guimarães Vasconcelos Santos
Josefa Suely Rodrigues Prata
José Uesele Oliveira Nascimento
Rusel Marcos Batista Barroso

Conselho Consultivo:

Prof. Dr. Milton Araújo Moura (UFBA).
Prof. Dr. Severino Vicente da Silva (UFPE).
Prof. Dr. José Milton Barbosa (UFS)

Jornalistas Responsáveis

Emerson da Silva Carvalho
Euller Tavares Ferreira
Débora Barreto

Apoio Técnico:

José Carlos Nascimento Júnior
Raildes Fontes

REVISTA DA ACADEMIA LAGARTENSE DE LETRAS

NÚMERO 07

VOLUME 01

Dossiê José Corrêa Sobrinho

(Edição Eletrônica)

Lagarto-Sergipe
2020

Imagem de capa: Caricatura de José Corrêa Sobrinho (Acervo de Lino Corrêa)

A168r

Academia Lagartense de Letras.
Revista da Academia Lagartense de Letras. / Academia Lagartense
de Letras. Dossiê José Corrêa Sobrinho.
- Lagarto: [s.n.], v.1.n.7, 2020.

84 p.
Semestral.
ISSN: 2594-5378

1. História-Memória -Cultura

2. Literatura-Arte

3.Publicação periódica – Revista Acadêmica-Lagarto/SE

I - Título

CDU: 050:94:008 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Academia Lagartense de Letras

Cadeira 1 (Sílvio Romero)

Rusel Marcos Batista Barroso

Cadeira 2 (Laudelino Freire)

Assuero Cardoso Barbosa

Cadeira 3 (Aníbal Freire)

Joaquim Prata Souza (Fundador)

Rodrigo Freire de Amorim

Cadeira 4 (Ranulfo Hora Prata)

Anselmo Vital de Oliveira

Cadeira 5 (Enock Santiago)

Deijaniro Jonas Filho

Cadeira 6 (Abelardo Romero Dantas)

Claudefranklin Monteiro Santos

Cadeira 7 (Luiz Antônio Barreto)

Emerson da Silva Carvalho

Cadeira 8 (Joel Silveira)

Euler Tavares Ferreira

Cadeira 9 (Vicente Francisco de Jesus, Com.)

Mário Rino Sivieri, Dom. (Fundador)

Vaga

Cadeira 10 (João B. de Carvalho Daltro, Mons.)

José Carvalho de Souza, Mons.

Cadeira 11 (José Martins Fontes)

Taysa Mércia Santos Souza Damaceno

Cadeira 12 (José Vicente de Carvalho)

Maria Angélica Amorim Correia

Cadeira 13 (**José Nogueira Fontes**)

Rosalvo Andrade Nogueira

Cadeira 14 (**Adalberto Fonseca**)

Beatriz Góis Dantas

Cadeira 15 (**José Cláudio Monteiro Santos**)

Paulo Andrade Prata

Cadeira 16 (**José Antônio da Costa**)

Aglaé d'Ávila Fontes

Cadeira 17 (**Onofre Silva Santos**)

Euclides Oliveira Santos

Cadeira 18 (**Armando Hora de Mesquita**)

Noeme da Silva Dias

Cadeira 19 (**Teodoreto Arcanjo do Nascimento**)

Antônio José Monteiro Rocha

Cadeira 20 (**Joaquim Prata Souza**)

Paulo Sérgio Oliveira Nunes

Cadeira 21 (**João Almeida Rocha**)

Maria do Carmo Oliveira da Fonseca

Cadeira 22 (**Themístocles Emílio de Carvalho**)

Alessandro Santos Monteiro

Cadeira 23 (**Joviniano Ramos Romero**)

José Uesele Oliveira Nascimento

Cadeira 24 (**Nilo Romero**)

Josefa Suely Rodrigues Prata

Cadeira 25 (**José Machado dos Santos**)

César de Oliveira Santos

APRESENTAÇÃO

Em agosto de 2019, os alunos Camila Corrêa, Maria do Carmo e Agenor Neto, do 2º ano do ensino médio do Colégio José Augusto Vieira (CJAV), em Lagarto-SE, conquistaram a medalha de Bronze na fase final da 11ª Olimpíada Nacional em História do Brasil, realizada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP), sob a coordenação do professor Renato Araújo.

Na ocasião, a equipe fez uma belíssima homenagem ao comerciante e político lagartense, José Corrêa Sobrinho, alçando o conhecimento sobre sua trajetória de vida em nível nacional e enchendo de orgulho seus conterrâneos e familiares. Zé Corrêa era uma figura carismática e singular, que marcou a História de Lagarto, tendo como características a fidalguia e a alegria.

Não foi à toa, que em 2007, ao procurá-lo para uma entrevista, fui recebido com grande entusiasmo e cordialidade: “Pois sim, primo. Chegue prá cá”, abrindo um largo e franco sorriso, me convidado para sentar e logo foi me contado suas histórias que tive a alegria de procurar traduzir em artigo para a Revista Realce, no mesmo ano: José Corrêa Sobrinho – o sorriso do Lagarto. Que consta do presente número da Revista da Academia Lagartense, acompanhado de depoimentos de familiares e textos dos acadêmicos Paulo Andrade Prata e Rusel Barroso.

Entre os depoimentos dos familiares, a exemplo dos defensores e vereadores Emília Corrêa e Matheus Corrêa, destaque para o ator Lino Corrêa, que faleceu no ano corrente, no mês de agosto. Por isso mesmo, a Academia Lagartense de Letras faz uma dupla saudação póstuma de reconhecimento pelos valiosos serviços prestados ao pai e ao filho.

O presente número, além do Dossiê José Corrêa Sobrinho, incluindo uma página de imagens históricas, consta ainda de ensaios, artigos e resenhas, de autoria Antônio Porfírio (ASL), Aline Silva (UFS), Milena Rodrigues (IFS-RS), Everton dos Santos e Matheus Santos (PET História - UFS).

Na seção poemas, contribuições do acadêmico Assuero Cardoso Barbosa, do escritor e poeta Edcleidson Souza e do professor, historiador e musicólogo José D'Assunção Barros, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja participação com o poema à morte, muito nos honra e enriquece o presente periódico, sobretudo por sua reconhecida importância na historiografia brasileira.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos
Editor Gerente

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| DOSSIÊ – José Corrêa Sobrinho | 13 |
| JOSÉ CORRÊA SOBRINHO — O SORRISO DO LAGARTO | 15 |
| Claudefranklin Monteiro Santos | |
| JOSÉ CORRÊA SOBRINHO | 19 |
| Emília Corrêa | |
| DEPOIMENTO SOBRE MEU PAI | 21 |
| Lino Corrêa | |
| AMIGO DE FÉ, VOVÔ CAMARADA | 23 |
| Matheus Corrêa | |
| NÃO SE PODE PERDER A VERGONHA DE SE SER HONESTO (JOSÉ CORRÊA SOBRINHO, UM EXEMPLO DE HONESTIDADE!) | 25 |
| Paulo Andrade Prata | |
| AO AMIGO JOSÉ CORRÊA SOBRINHO (UMA PÁGINA DE SAUDADE) | 29 |
| Rusel Barroso | |
| ICONOGRAFIA (JOSÉ CORRÊA SOBRINHO) | 31 |
| MEMÓRIA | 35 |
| LINO CORRÊA – DO ÚLTIMO ATO AO ESTRELATO | 37 |
| Claudefranklin Monteiro Santos | |
| MOÇÃO DE APLAUSO PARA LINO CORRÊA | 41 |
| ENSAIOS | 43 |
| JOÃO OLIVA ALVES | 45 |
| Antônio Porfírio de Matos Neto | |
| ARTIGOS | 49 |
| A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA A APRENDIZAGEM | 51 |
| Aline Silva Vieira e Milene Rodrigues Martins | |
| POEMAS | 59 |
| FIM DE OUTONO | 61 |
| Assuero Cardoso Barbosa | |
| EU SÓ QUERIA..... | 63 |
| Edcleidson Souza | |

| | |
|--|-----------|
| POEMA À MORTE..... | 67 |
| José D'Assunção Barros | |
| RESENHAS | 69 |
| PIERRE DE RONSARD E AS IMPERTINÊNCIAS DO AMOR | 71 |
| Everton dos Santos | |
| DIAS E NOITES DE AMOR E DE GUERRA: EDUARDO GALEANO E A DÉCADA DE 1970 NA AMÉRICA LATINA..... | 77 |
| Matheus Santos Garcia de Carvalho | |

DOSSIÊ

José Corrêa Sobrinho



Acervo de Lino Corrêa

José Corrêa Sobrinho – o sorriso do Lagarto¹

Claudefranklin Monteiro Santos²



Poucas pessoas, na recente história da sociedade lagartense, conseguem reunir tantas qualidades em seu jeito de ser e de viver a cidadania. Após 34 anos de Rotary Clube de Lagarto, mais da metade de sua vida dedicada ao comércio, com presença marcante na política local e estadual e devotado a sua família, José Corrêa Sobrinho é a melhor expressão da alma de um povo ordeiro e hospitaleiro. Sempre com um sorriso franco e aberto no rosto, trata a todos mais do que como seus conterrâneos, familiarizando-se com eles com a alcunha de primo.

Comerciante do Município de Lagarto desde o ano de 1955, sempre procurou tratar com delicadeza as pessoas que acorriam a sua loja. Ninguém consegue sair insatisfeito, pois nunca lhe falta uma prosa e uma boa troca de ideias. O negócio é fazer o cliente ficar à vontade, capaz de se convencer da compra ou em caso contrário, ficar naquela do “eu volto depois, porque o senhor me tratou como gente”.

Esse jeito cativante de ser e viver fez do Zé Corrêa uma das figuras mais populares e carismáticas da história de Lagarto, lhe rendendo uma passagem venturosa pela vida pública, ocupando posições de destaque e estratégicas. Homem público de bastidores bem-sucedidos, não era de roubar a cena, mas fazia o papel de ver seus correligionários brilhar. Inteligente e perspicaz foi por três vezes Presidente da Câmara de Vereadores. Numa dessas ocasiões, recepcionou o então candidato a Presidente da República, o Sr. Juscelino Kubitschek.

¹ Publicado originalmente na Revista Perfil, Aracaju, p. 22 - 23, 07 mar. 2007.

² Professor e historiador. Integrante da Academia Lagartense de Letras, cadeira nº 6.

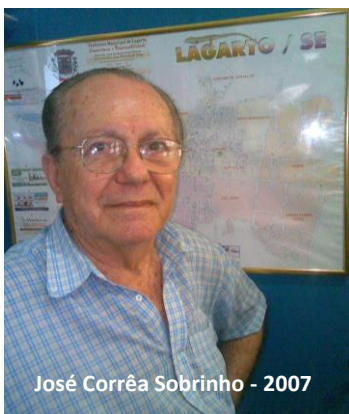
Ainda na Presidência da Câmara Municipal de Lagarto foi um dos responsáveis diretos pela aprovação do Projeto Lei que autorizava a construção do Estádio Paulo Barreto de Menezes, uma das mais importantes praças de esportes da cidade até hoje. À propósito, enquanto Presidente do antigo e extinto Lagarto Esporte Clube ajudou a equipe a se tornar Vice-campeã do Estado, período em que se destacava o jogador Bequinha.



Fora dos cargos eletivos, Zé Corrêa ocupou funções importantes e em todas as ocasiões colaborou com mestria e competência. Um dos fundadores do grupo Saramandaia e cria política de Dionísio de Araújo Machado, ao lado de Artur Reis capitaneou inúmeros apoios políticos, que fizeram do grupo um dos mais vitoriosos da história política de Lagarto. Entre as várias posições que ocupou, destaque para a Secretaria Municipal de Cultura, no primeiro mandato de José Rodrigues do Santos, o Zezé Rocha.

Aliado à habilidade política, o seu tino comercial foi responsável por um de seus mais importantes trunfos como cidadão lagartense. Comerciante da máquina de costura Vigorelli, após visita de representante da cidade de Jundiá (SP), Zé Corrêa se viu envolvido numa empreitada progressista e ousada para a época: fundar uma emissora de rádio na cidade. Liderando um grupo de ilustres lagartenses, a exemplo de Artur Reis, Ernani Romero, Vanderlan Almeida, Aloísio Natal e mais tarde, José Augusto Vieira (então Deputado Estadual), José Corrêa Sobrinho foi à Brasília em 1982 assinar a autorização da concessão de funcionamento da Rádio Progresso, que há quase 25 anos vem levando informação e diversão para o povo de Lagarto.

Coroando essa trajetória brilhante, como homem e como cidadão lagartense, pai de cinco maravilhosos filhos - José Isolino Corrêa (Ator), Paulo Corrêa Sobrinho (Funcionário Público), Dr^a. Emília Corrêa (Defensora Pública e Jornalista), João Correa Sobrinho (Comerciante),



Aline Corrêa Fontes (Advogada e Comerciante) – e casado com a Sr^a. Orlette Corrêa Santos, José Corrêa Sobrinho, nascido aos 22 de maio de 1927, foi condecorado no último dia 26 de janeiro do corrente com a honraria “Paul Harrys”, uma das mais importantes comendas oferecidas pelo Rotary Club aos seus associados.

Lagarto recente de figuras e personalidade como Zé Corrêa. Carente de inovações e pujança, a cidade volta-se para exemplos como este para tentar resgatar a sua autoestima e sua identidade. Sem sombra de dúvidas que Corrêa é um pilar da coisa do ser lagartense e deixará para a posteridade como um de seus maiores legados o sorriso que estampa sinceramente até hoje em sua fronte vitoriosa.

Meu pai marcou muito para mim e digo o porquê: autenticidade, simplicidade...

Ele tinha um jeito de se vestir que seguia o seu tempo e nada mudou com o passar dos anos. O azul, a cor favorita, estampava no vestuário e em tudo pudesse ter cor. Incluindo a Música, que pra ele era representada no rei Roberto Carlos (que também é amante da cor azul). Ele passou isso para mim.

A simplicidade estava em tudo o que fazia e falava, inclusive no paladar. Tudo que gostava era produto de sua região: a maniçoba, a farinha, a raiz... o café!! Sobre o café, conto uma particularidade, ele preparava para todos com muito prazer. No meu caso, ainda não tinha descoberto o sabor do café; não apreciava. Mesmo sabedor disso, na hora de servir, me oferecia e eu não aceitava, mas ele não desistia e todas as vezes repetia as mesmas palavras, na expectativa, quem sabe, de que eu aceitasse. Arrependo-me profundamente de não ter aceitado. Hoje, descobri o sabor do café e, toda vez que lembro, sinto vontade de voltar no tempo para tomar café feito por ele!

A minha convivência ao lado dele me faria escrever não um texto, mas um livro. Menina ainda, fui com ele algumas vezes, de mãos dadas, ao estádio ver o Lagarto Esporte Clube jogar. Muito cedo, tive o privilégio de sair com ele para colocar santinhos da política à noite por baixo da porta dos lagartenses. Não ficou apenas nisso; nessa fase da meninice, era acordada por ele para ajudar na loja, aprender a vender e fazer contato com as pessoas. Era assim que ele dizia.

Ele sempre foi fiel àquilo que amava: família, Lagarto, política, e à comunicação fácil e visível.

A saudade só aumenta com o passar do tempo. Nos últimos três anos de sua vida, declarava continuamente o seu amor aos filhos, isso não era comum, ele era contido com esses sentimentos para com a família. Tudo isso me fez entender o legado que ele deixou para nós.

¹ Defensora Pública e Vereadora de Aracaju-SE. Filha de José Corrêa Sobrinho.

É flagrante os passos que tenho dado, parecem ser dele, mas não planejei isso. Me encontro com ele dentro de mim, gosto disso. É DNA? Foi a convivência? Não sei, mas é fato: política e comunicação... vieram dele ou não..? Sou filha de Sr. JOSÉ CORRÊA SOBRINHO... isso é grande, é benção, é forte para mim...

Depoimento sobre meu pai¹

Lino Corrêa²

Falar sobre José Corrêa Sobrinho me lembra muitas histórias, aprendizados e lições. Desde o meu despertar fui absorvendo com sua versatilidade do homem tratava os seus clientes com o diferencial da sua simpatia, do seu sorriso que cativava e o hábito de chamar afetivamente todos de "Primo " , essa maneira de comunicar ele não aprendeu em nenhuma escola, nem ensaiava antes de abrir todos os dias, o Moderno Magazine que tinha o seu nome, sem dúvida que os deuses privilegiaram esse lagartense com essas qualidades. Ele também teve a sorte de contar com as orientações sábias de uma bela e diplomática mulher que não se limitou apenas ao convencional papel de administrar a casa e cuidar dos filhos, ela foi fundamental para que ele decolasse no crescimento da loja , a elegante dona Orlette foi também uma administradora, como era também uma excelente motorista muitas vezes com ajuda dos funcionários fazia a entrega de eletrodomésticos nas residências dos clientes, testemunhei também por ser o primeiro filho que os dois passavam horas nas madrugadas conferindo os livros e materiais escolares no período que iniciava o início das aulas nos colégios e na minha adolescência sempre que fui chamado para ajudar nessas tarefas era um prazer colocar os preços e absorver esses ensinamentos .

O brilhante comerciante tinha sido locutor da Radiofon e sua voz foi uma marca que ficou nas lembranças do nosso povo. Vi nascer no início dos anos 70 o presidente do Lagarto Esporte Clube e foi um período que a sociedade e as mulheres frequentaram os jogos no Estádio Paulo Barreto de Menezes, ele fez uma campanha histórica e o clube conquistou o vice campeonato que foi uma colocação vitoriosa no futebol lagartense, vibrava com a torcida que comparecia em massa e muitas vezes viajava pra acompanhar os jogos em outros municípios.

Inquestionavelmente foi um dos mais notáveis rotarianos e administrou com maestria as vezes que foi presidente tendo ao seu lado

¹ Texto enviado por Whatsapp, no dia 24 de julho de 2020. Lino faleceu no dia 13 de agosto do mesmo ano, pouco menos de um mês depois

² Escritor, ator, jornalista e cirurgião dentista. Filho de José Corrêa Sobrinho.

como presidenta da Casa da Amizade sua esposa Orlette que fez campanhas filantrópicas inovadoras como pedágios na entrada da nossa cidade que angariavam donativos para a população carente. Ele teve o reconhecimento merecido em vida recebendo títulos ilustres como Paul Harris, entre outros

O incansável José Corrêa Sobrinho também fez parte da equipe responsável para a instalação da primeira emissora de rádio da cidade e como eu estava fazendo um curso de inverno USP em São Paulo, tive o prazer de acompanhar essa gestação quando acompanhei ele, junto com Artur Reis e Hernani Libório na capital paulista.

Zé Corrêa também fez história nas vezes que foi presidente da Câmara dos Vereadores, sendo eleito com marca de votos muito expressiva e a história das suas admoestações foram de muita contribuição para a cidade.

Acredito que essa síntese de fatos reais o faz merecedor do seu nome ser eternizado no Mercado Municipal e tatuado na alma dos nossos conterrâneos como: o primo, o grande divulgador das canções do rei Roberto Carlos, o conselheiro dos que desabafavam suas dúvidas e o nosso Sorriso de Lagarto”.

A oportunidade em homenagear José Corrêa Sobrinho no meu recém lançado livro Dez Homens de Vanguarda junto com outros dez ilustres brasileiros como Ney Matogrosso, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Kadu Moliterno e outros foi uma emoção e agradeço a eles e especialmente a José Corrêa Sobrinho porque esse livro tem sido muito bem recebido pelos leitores que me retornam com e-mails, vídeos narrando que têm ficado emocionados com as histórias que narrei.

Obrigado José Corrêa Sobrinho, obrigado meu pai.

Amigo de fé, Vovô camarada!

Matheus Corrêa¹

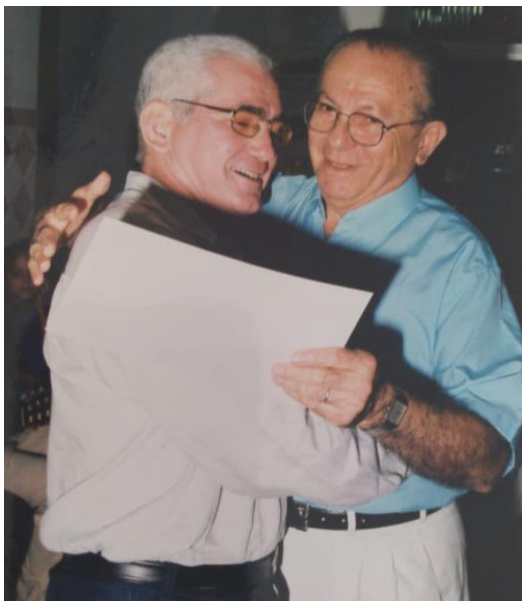
Faz mais de 5 anos que não escuto sua voz,
que não aperto sua mão,
Chega a doer o coração.
Saudade feroz.
Como sinto falta do senhor,
Da sua atenção, seu amor.
Queria tanto te contar vovô.
Das lutas que travei,
Das vitórias que conquistei,
Dos sonhos que almejo,
Que o senhor, sem pestanejo,
Logo diria: “você consegue”. Agradeço muito a Deus,
Pelos ensinamentos teus.
O senhor tinha o dom da palavra
Mas era o exemplo que me conquistava.
Na barra de sua calça eu ficava,
Acompanhando e admirando,
Tamanha urbanidade,
Carinho e amizade,
Que ele nutria pelo povo de Lagarto.
Chamava todos de primo,
E até que parecia
Pois era tão íntimo.
Sonhávamos juntos
Com minha formatura,
E o senhor com muita bravura,
E fé em Deus
Esperou para partir
E foi ao culto assistir,
E acompanhar seu neto Matheus.
Esperou completar um ciclo

¹ Servidor público e eleito Vereador para a Câmara Municipal de Lagarto em novembro de 2020. Neto de José Corrêa Sobrinho.

E no dia que me tornei advogado
O senhor se foi, realizado.
Deve ter pensado,
Conclui meu legado.
Mas nossa união e sintonia
Sempre perdurará,
Pois sinto o senhor no meu dia a dia.
Como vereador lutarei por nossos conterrâneos,
Pois do senhor herdei o amor por nossa cidade, que é
extemporâneo.
Sei que da sua nova morada
Olha por mim daquela forma tão amada,
Meu amigo de fé, vovô camarada

NÃO SE PODE PERDER A VERGONHA DE SE SER HONESTO (José Corrêa Sobrinho, um exemplo de honestidade!)

Paulo Andrade Prata¹



É de William Shakespeare, poeta e dramaturgo inglês, a seguinte afirmação: “Do jeito que o mundo anda, ser honesto é igual a ser escolhido entre dez mil.”

Estou me reportando ao final do século XVI e início do século XVII, e ao que parece, pelo que vemos nos dias de hoje, essa proporção tem aumentado bastante.

Descoberto apenas no início do século XVI, o Brasil não ficou imune. O vírus da desonestidade nos atinge numa escala crescente e assustadora.

Decorridos 106 anos, reproduzo com a sensação de que fora proferido, nos dias de hoje, um trecho do discurso de Rui Barbosa, no Senado Federal: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.”

Criou-se até, o “jeitinho brasileiro”. Perdeu-se a vergonha de se ser honesto.

Não há dúvida de que a desonestidade predomina na sociedade atual. A corrupção se encontra nos mais altos níveis de grandes

¹ Bacharel em Direito e presidente da Academia Lagartense de Letras, ocupante da cadeira nº 15.

empresas e entre oficiais do governo. Em se tratando do meio político, ela grassa.

Lamentavelmente, é fator corriqueiro presenciarmos a desonestidade nas esferas social e política. Precisamos reagir. Os gestos desonestos de certas pessoas não podem justificar atitudes desonestas de nós mesmos. Não podemos ter vergonha de ser honesto.

No Brasil, onde a corrupção impera principalmente no meio político, a impressão que temos, é a de que, embora estejamos sendo constantemente roubados e passados para trás, isso não tem gerado na população um sentimento de revolta e descrença, pelos menos no tamanho que merece. A nossa aceitação passiva dessa realidade é extremamente preocupante.

Sabemos que muitos buscam o poder, apenas para se locupletarem. Querem o poder a qualquer custo, fazendo uso de meios desonestos. Na concepção desses, vale tudo para se chegar e manter-se no poder.

As eleições recentes acabam de nos mostrar o quanto a disputa de poder é sustentada na corrupção. O uso da máquina administrativa e a compra de votos continuam sendo mecanismos utilizados em grande escala pelos candidatos. Não se tem vergonha de roubar e de se desviar os recursos públicos.

O pior, é que fica por isso mesmo. Aceitamos tudo, simplesmente aceitamos. Terminamos nos acostumando com a desonestidade. E ainda há os que tentam se justificar, dizendo simplesmente: “Todo mundo faz, porque não posso fazer também.”

Mesmo assim, nem tudo está perdido. Sabemos que há, ainda, pessoas que não se deixaram contaminar por esta chaga abjeta da corrupção, fortemente presente no universo político. É peça rara, mas existem. Precisamos resgatar os bons exemplos.

E aqui, permito-me falar de alguém que conviveu conosco por 87 anos, como comerciante e político, deixando-nos um legado de honestidade.

Sua passagem pelo comércio foi caracterizada pela maneira afável com que tratava os clientes, chamando a todos, carinhosamente, de “primo”. Ao entrar na sua loja para comprar uma simples caneta, dificilmente se saía de lá sem levar outro produto, além de se desfrutar de sua cordialidade.

Comerciante próspero e honesto, enveredou pelos caminhos da política, sem se afastar dos princípios éticos e morais que sempre nortearam sua vida. Foi vereador, chegando a ser presidente da Câmara e, mais tarde, lançou-se candidato a vice-prefeito de Lagarto. Sempre fiel ao grupo político, preferindo, constantemente, ficar na retaguarda. Foi um político íntegro. Não tinha dificuldade de conversar com os adversários.

Independente da sua inserção na política, sempre esteve preocupado com a sua cidade, não se furtando de servir.

Assim, é que encontrou no Rotary Club de Lagarto a oportunidade de servir à sua comunidade, por quase quatro décadas, tendo sido seu presidente. Foi um rotariano por convicção. Era afinado com os princípios do Rotary International, cujo objetivo é unir voluntários a fim de prestar serviços humanitários e promover valores éticos e a paz. Foi a convite dele, de José Pedro Dória e de Hernani Romero, que também foi rotariano. O Rotary é uma escola de vida para quem quer servir.

Cliente de sua loja e companheiro de Rotary, criei com ele, laços fortes de amizade. Tínhamos algo em comum, a paixão pelo rádio e pela cor azul. Sempre conversávamos sobre a necessidade de Lagarto ter uma estação de rádio AM. Em 23 de janeiro de 1983, era inaugurada a Rádio Progresso de Lagarto, um empreendimento do qual ele foi um dos fundadores, com Artur Reis, Aloísio Natal e Wanderlan Almeida. Aliás, tive o privilégio de ler a mensagem inicial, na abertura oficial de sua programação, com a celebração da Santa Missa, às 19 horas, no Santuário de Nossa Senhora da Piedade, presidida pelo saudoso D. Mário Rino Sivieri, que era nosso pároco, à época.

Hoje, a Rádio Progresso não mais existe, pois, em 2018, migrou para FM, passando a operar na frequência de 102,7.

Já ele, em 27 de abril de 2015, foi chamado por Deus, após ter construído uma vida que lhe permitiu receber a coroa dos justos. Do seu casamento com D. Orlete Corrêa, também de saudosa memória, vieram os filhos: Isolino (que nos deixou recentemente), Emília, Paulo (produtor cultural), João (Titita) e Aline, sendo que Emília herdou do pai a vocação para a política, exercendo atualmente o mandato de vereador em Aracaju, sendo reeleita.

Ao amigo José Corrêa Sobrinho (uma página de saudade)¹

Rusel Barroso²



O meu abraço fraterno à família Corrêa, de modo singular, aos filhos do saudoso casal Orlette e José Corrêa: os conterrâneos Aline, Emília, João, Lino e Paulo.

Através desta carta, gostaria de pedir licença a todos para me dirigir ao inesquecível e querido amigo José Corrêa Sobrinho, a mais fiel expressão de alegria do povo lagartense. Parte de uma fala que não tivemos, não obstante as inúmeras vezes que nos encontramos nos arredores e no coração da cidade.

Caríssimo “Primo”, como o tempo passou depressa! Na década de 70, eu ainda menino, residente na Praça Dr. Filomeno Hora, às proximidades da Loja das Modas de Salomão (Soubhy Attrache), ao sair para escola, obrigatoriamente avistava sua loja, que muito me chamava a atenção, não apenas por ser uma das mais modernas, já naquela época, mas pelo carinho com que recebia as crianças e apresentava as novidades que chegavam. Certo dia, perguntei em casa, se de fato éramos primos. Meus pais sorriram e me explicaram que aquela era a maneira acolhedora com que tratava a todos que do amigo se aproximavam.

O tempo correu, cruzamo-nos, por muitas vezes, pelas ruas de Lagarto, no Tiro-de-Guerra, nas escolas, em diferentes eventos e, especialmente, no Rotary Club de Lagarto, casa de sua maior admiração. Foi exatamente ali, que a nossa amizade se fortaleceu. Sempre que eu comparecia aos encontros festivos, generosamente me convidava a ocupar a mesa para, em sua companhia e dos seus companheiros, saudar o Pavilhão Nacional. Era um privilégio fazer uso da palavra e me

¹ Lagarto, 9 de maio de 2015.

² Professor e pesquisador. Integrante da Academia Lagartense de Letras, ocupante da cadeira nº 1.

reportar ao clube enaltecendo a importância dos trabalhos e da sua abnegação ao sodalício ao lado de amigos inolvidáveis como Hernani Romero Libório e Anísio José de Almeida.

Meu querido pai, o velho Jodeclan Barroso, também presidiu aquela Casa Rotária. Lamentei, à época, pelo pouco tempo que eu dispunha para ajudá-lo em projetos de melhoria para a instituição. Era seu desejo que eu me tornasse membro, mas eu não teria como frequentar assiduamente as reuniões. Sua gestão se encerrou sem alimentarmos essa possibilidade, até que um dia, tive a grata surpresa de receber, em nossa residência, a visita de dois amigos inseparáveis: a sua e a de Dr. Hernani. Em mãos, traziam o Convite para que eu me apresentasse no Rotary Club de Lagarto como seu afilhado. Aquele dia muito me custou, pois foi extremamente difícil agradecer a nobreza daquele gesto e dizer da minha impossibilidade de abraçar tamanha honraria, sem magoá-los. Hoje, apenas separados pelo plano de Deus, saiba que nunca me esquecerei da grandeza do seu gesto, corroborado pelos companheiros que o ladeavam e que agora acenam em sua despedida com olhares de carinho tão peculiares ao povo de Lagarto.



Estou certo de que o amigo ficará lembrado não apenas por haver nascido nesta terra, mas como filho verdadeiramente enamorado pelo nosso município, aquele que conhecia a nossa gente, os quatro cantos da cidade, de uma comunicação serena, alguém que fazia questão de abraçar, de tocar o outro. Um cidadão probo, digno de

ser tomado como exemplo.

Descanse em paz, meu amigo, pois tudo que eu disser ainda é muito pouco para expressar sua magnitude como ser humano e lagartense. E, como diria Fernando Sabino, “de tudo ficarão três coisas: a certeza de que estamos começando, de que é preciso continuar e de que podemos ser interrompidos antes de terminar, portanto, façamos da interrupção um caminho novo, da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura um encontro”.

Aos seus familiares, peço que aceitem o meu singelo abraço, de muito pesar.

ICONOGRAFIA



José Corrêa jovem – com Dionísio Machado – em Brasília-DF



José Corrêa como presidente do Lagarto Futebol Clube



Com a Dra. Emília
Corrêa



José Corrêa, Dona Orlette e filhos

MEMÓRIA

Lino Corrêa – do último ato ao estrelato¹

Claudefranklin Monteiro Santos²



Nove de agosto de 2020, às 9h57, Lino Corrêa me enviava por Whatzapp, mais uma de suas mensagens carinhosas. Fazia isto quase que diariamente. Atencioso, procurava saber notícias de Lagarto e também partilhava comigo a repercussão de seus trabalhos, sobretudo o último, para o qual tive a felicidade de gravar um depoimento em vídeo: o livro “Dez Homens de Vanguarda”, lançado em abril deste ano.

Em 2015, na edição de dezembro da *Revista Realce*, tive a grata satisfação de escrever a sua biografia. Na ocasião ele lançava o livro “Dez Vidas – Meu Olhar sobre Elas”, dedicado a discorrer sobre as trajetórias de vida de algumas artistas e personalidades brasileiras, incluindo a sua genitora, Orlette Corrêa: Ademilde Fonseca, Carmélia Alves, Elizabeth Gasper, Maria Alves, Maria Cláudia, Rossana Guessa, Sandra Bréa, Dona Zica e a cantora Wanderléa, de quem era grande fã desde menino.

O livro “Dez Vidas – Meu Olhar sobre Elas” chegou em minha casa faz quinze dias. Ele me enviou com a seguinte dedicatória: “Meu caro amigo Claudefranklin Monteiro, nessa minha obra literária duas lagartenses fazem parte com suas histórias emocionantes. Um abraço, Lino Corrêa. Rio de Janeiro, 21 de julho de 2020”.

¹ Texto publicado originalmente no dia 13 de agosto de 2020, no portal Lagarto Notícias. <http://www.lagartnoticias.com.br/2020/08/13/lino-correa-do-ultimo-ato-ao-estrelato>

² Integrante da Academia Lagartense de Letras, cadeira nº 6.

Lino Corrêa nasceu em Lagarto, em 1959, onde viveu a primeira parte de sua trajetória. Era filho do saudoso casal Orlette e José Corrêa Sobrinho, o qual fez história na vida política e empresarial do município. A família morou por muitos anos na Praça Filomeno Hora, número 119, onde Zé Corrêa tinha uma papelaria, hoje sob o comando de Aline Corrêa.

Foi estudante no Colégio Nossa Senhora da Salete, em Lagarto-SE e do Colégio Arquidiocesano, em Aracaju, formando-se em Odontologia pela Universidade Federal de Sergipe. Mas, o negócio dele mesmo era ser ator, embora conciliasse o sonho com o consultório e seus pacientes. Antes, também foi dublador, jornalista, colunista cultural e crítico de arte, até seguir em definitivo na carreira artística no teatro, cinema e na TV.

Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1982, onde se radicou em definitivo e pôde aprofundar-se nas artes cênicas e também no jornalismo. A influência no campo da encenação herdou da avó Pureza, que era professora dominical na Igreja Presbiteriana. Em 1985, participou do famoso concurso Menino do Rio, chegando às semifinais.

Daí em diante, ingressou de vez na cena artística, primeiro com pontas em clipes de artistas da MPB e também do rock nacional. Foi modelo publicitário em fotonovelas, a exemplo de Sétimo Céu, da Editora Bloch, até conseguir sua primeira grande oportunidade de maior alcance midiático, numa participação na minissérie da Rede Globo: As Noivas de Copacabana.

Teve outras participações no elenco de outras minisséries e novelas da Globo, tais como: A Casa das Sete Mulheres, Linha Direta, Um só coração, O Clone, Esperança, Os Filhos da Mãe, O Quinto dos Infernos, A Grande Família, entre outros. Na TV Record, na minissérie Plano Alto e da novela de grande sucesso A Terra Prometida, onde fez o papel de Paltiel, líder tribal hebreu.

No cinema, atuou em filmes como Observadores, Eu sou o Rio, Só pelo Amor, Didi quer ser criança, Aporias conjuminadas, O vazio está cheio de nada e o nada de vazio, Cais do Valongo e Trilhos de Sangue.

No teatro, uma das suas principais casas, participou em peças dirigidas por nomes consagrados, como Paulo Altran. A peça O Mercador de Veneza alcançou sucesso de crítica e de público no Rio de Janeiro. Outros trabalhos: Mixórdia e Cia (em coautoria com Fernando Reski); Gardel – o musical de tangos; Corações Partidos; Hamlet Caótico; Quem guenta com essa verdade?; Rei Lear.

Lino Corrêa foi também colunista e entrevistador de revistas e jornais como Unifatos, Rio Nobre e Cultura Viva e também frequentou algumas das principais revistas e programas de TV do país, divulgando seu trabalho. Uma de suas últimas aparições e homenagens a ele feita foi na Revista Absolute Rio, em julho de 2020, em uma matéria intitulada: Lino Corrêa, escritor de sucesso nacional consagrado!

Hoje pela manhã, como um raio de luz que salta no palco para receber aplausos calorosos, Lino Corrêa viveu seu último ato e partiu para a eternidade, alçando voos ainda maiores que a vida lhe permitiu. Deixa um legado de amor à arte, mas também de humanidade e de devoção à memória dos seus pais e à sua cidade natal.

MOÇÃO DE APLAUSO PARA LINO CORRÊA



Em Sessão do dia 30 de maio de 2020, a Academia Lagartense de Letras conferiu ao ator Lino Corrêa uma Moção de Aplauso. Uma propositura do acadêmico Rusel Barroso e aprovada pelos pares por unanimidade.

ENSAIOS

João Oliva Alves

Antônio Porfírio de Matos Neto¹

Onde estivesse ou onde fosse avistado, mesmo no silêncio de seus recolhimentos meditativos e de escrita, sua esguia compleição parecia se agigantar. Um verdadeiro gigante, um deus em pedestal, uma montanha de sabedoria, de fé e tenacidade. Tais características repousam, ilustres e solenes, sobre João Oliva. O saudoso e imortal João Oliva Alves.

João Oliva, o fervoroso militante da vida, da religiosidade, do pensamento entrecruzando passado e presente para tecer os norteamentos do caminho. Dizem que bastavam alguns instantes de sua palavra para que as mentes fossem presenteadas com um verdadeiro e precioso livro de sabedoria.

Quanta sabedoria naquele olhar de passado interiorano e de caminhada por estradas tantas. Quanto conhecimento brotando daqueles dedos finos e magros, como se a pena rejubilasse em contentamento ao tecer coisas boas. Na sua voz, ora na sua voz, o silêncio e a palavra num mesmo grito. A matéria-prima da vida saindo em fraseados, contextos, dizeres que jamais ecoaram em vão.

Na fronteira do agora, do momento, sem sua presença, e da recordação do ontem perante a sua presença, resta o contentamento de que não passou, de que não se foi, de que ainda aqui está semeando em campos de infinitas lições. Há que ainda se beber na fonte de seus escritos. Há que ainda se espelhar nos ensinamentos de suas palavras. Há que ainda, e sempre, folhear o livro de seu pujante legado.

Adjetivar João Olivas Alves é desprender múltiplas qualificações, insígnias e honorarias. João Oliva escritor, acadêmico, imortal, jornalista, cronista, redator, editorialista, religioso, pregador, enciclopedista, memorialista, historiador, político, palestrante, parlamentar,

Nascido no município sergipano e interiorano de Riachão do Dantas a 29 de dezembro de 1922, João Oliva Alves veio ao mundo como filho de José Alves Santos e Mariana de Oliva Alves. Desde cedo

¹ Membro da Academia Sergipana de Letras, ocupando a Cadeira nº 24.

despertou curiosidade pelas lições outras além daqueles rústicos conhecimentos infantis. Iniciou seus estudos na terra natal, onde permaneceu até a conclusão do ensino primário. Em seguida, prosseguindo seus estudos na capital sergipana, cursou o ginásio no Colégio Atheneu Sergipense e Ciências Contábeis na Escola Técnica de Sergipe.

Estudioso, ávido por querer saber mais, por adentrar noutros ramos do conhecimento, João Oliva passou a cursar Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito na Universidade Federal de Sergipe, tendo sido graduado Bacharel em Direito. Seu início profissional na vida pública se deu em sua cidade natal, quando foi nomeado secretário da prefeitura. Em seguida, em Aracaju, já atuando como Agente de Estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, João Oliva redigiu tópicos sobre dezesseis municípios para a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, na edição de 1959.

Sua sede de participação popular era tamanha que acabou adentrando na vida político-partidária, candidatando-se a deputado estadual. Por consequência, em 1952, na condição de suplente, assumiu a titularidade por curto período, em virtude do afastamento do titular. A partir de 1956 voltou-se também para a prática do jornalismo, ofício que já exercia desde os tempos interioranos, quando colaborou para diversos jornais igualmente interioranos. Na capital sergipana foi redator da Gazeta Socialista, de propriedade de Orlando Dantas e posteriormente denominado Gazeta de Sergipe.

Ao lado do ofício jornalístico, João Oliva Alves sempre buscava outros voos profissionais, e foi assim que prestou concurso e foi aprovado em concurso promovido pelo Tribunal Regional Eleitoral. Em 1961 passa a ser redator-chefe do Jornal A Cruzada, veículo de comunicação impressa da Diocese de Aracaju. Foi também editorialista do Diário de Aracaju e redator de belíssimas crônicas para a Rádio Cultura de Sergipe. Sua habilidade comunicativa foi imprescindível para que o governador Seixas Dória o convidasse para ser assessor governamental de imprensa. No mesmo governo, exerceu ainda a chefia de gabinete da Secretaria de Educação.

No ano de 1970, suas qualificações profissionais de jornalista levaram-no à presidência da Associação Sergipana de Imprensa. Em 7 de junho de 2001, como reconhecimento pelo seu denodo cultural, sua intelectualidade, mas principalmente pela importância e prestígio de sua obra, múltipla e grandiosa, João Oliva toma posse na Academia

Sergipana de Letras ocupando a Cadeira nº 24, tendo como patrono D. José Brandão, sendo recepcionado pelo jornalista Acrísio Torres de Araújo.

Em sua obra *Perfis Acadêmicos*, o professor José Anderson Nascimento, ilustre presidente da Academia Sergipana de Letras, ao analisar a obra *Sobretudo a Imprensa*, diz que João Oliva deu autenticidade ao iniciante jornalismo político, não deixou de tratar, nos editoriais publicados, sobre assuntos relevantes da órbita internacional, dando ênfase à invasão do capital estrangeiro no Brasil, numa antevisão da economia globalizada.

Continua o professor José Anderson: Como pensador católico-romano, João Oliva fez um perfil do arcebispo Dom José Vicente Távora, quando destacou a identificação do prelado da Igreja com as linhas do Concílio Vaticano II, contribuindo para o desarmamento dos espíritos e o advento da paz.

Não fugiu à análise do professor José Anderson, a atualidade dos textos, mesmo antigos, publicados pelo saudoso mestre: "João Oliva naquele tempo, já alertava para a necessidade de preparação do mercado consumidor interno, com o objetivo de apoiar o crescimento industrial do país. Dentro dessas preocupações, reconhecia que as reformas não saíam do seu status quo, pois não contavam com o apoio das elites econômicas, para a sua real execução. De ontem para hoje, a situação é a mesma, as reformas de base do passado, apelidadas agora, de políticas públicas, arrastam-se sem grandes progressos". Referia-se a artigo publicado no *Diário de Aracaju* em 13 de julho de 1968.

Relembrando a presença de João Oliva na Academia Sergipana de Letras, a ilustre acadêmica Jane Nascimento assim pontuou em seu *Necrológico*:

“Adentrava a sala dos Imortais, cumprimentando a todos com a cabeça e com sua voz já fraca, mas com um sorriso tão espontâneo que parecia uma criança em dia de festa natalina abrindo seus presentes. Sua fragilidade era apenas corporal, porque o seu espírito denotava que estava a remogar, florindo verdadeiramente o seu coração. Penso que ele levava a vida como os fortes que não se entrega a falibilidade sem altivez. Mas será possível expor a verdade da vida interior sem entristecer? Com João Oliva era diferente, sobretudo porque tinha muito para contar a quem tivesse a possibilidade de ouvi-lo. Era homem temente a Deus e possuidor de uma fé inabalável”.

Militante católico, fervoroso defensor dos ensinamentos cristãos, João Oliva fazia de sua fé uma missão. Pregava não a religião da igreja enquanto meio de pregação nem da fé enquanto meio de crença, mas uma religiosidade onde o altar maior estava na prática do bem, em consonância com os ensinamentos sagrados.

O saudoso e sempre reverenciado João Oliva, um verdadeiro mestre que entre nós como verdadeira luz e guia, foi incansável em sua trajetória. E um percurso de vida de tamanha riqueza e vastidão que ainda se vive à sombra de sua presença, ouvindo sua palavra, lendo um texto seu. Ainda bebendo na sua fonte, ainda querendo saborear das delícias de seu saber.

Conforme dito, nascido no sergipano Riachão do Dantas 29 de dezembro de 1922, e falecido a 03 de julho de 2019, na capital sergipana, João Oliva foi múltiplo, muitos, imenso, numa sua singeleza de pessoa. E, por isso mesmo, e com justa razão, continua como eterno e imortal.

ARTIGOS

A importância dos recursos tecnológicos para a aprendizagem

Aline Silva Vieira¹

Milene Rodrigues Martins²

RESUMO

Este artigo tem o objetivo geral apresentar uma análise acerca da importância dos recursos tecnológicos para a aprendizagem, buscando entender a contribuição que esses equipamentos como data show, computadores e o acesso à internet, proporcionam no âmbito educacional. Dessa forma, a metodologia de pesquisa refere-se a um estudo bibliográfico em busca do conhecimento através da literatura pertinente e artigos que discorrem sobre a temática abordada. O resultado da pesquisa mostra que o uso de recursos de audiovisuais é de suma importância, levando em consideração diversos benefícios que os mesmos podem proporcionar no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Aulas interativas. Data show. Docente.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe.

² Licenciada em Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Educação para Ciência e a Matemática pela Universidade Estadual de Maringá.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a tecnologia e as mídias assumem cada vez mais os espaços sociais, com as novas descobertas e produtos que beneficiam a sociedade. Atualmente as aulas contam com apenas um recurso, que é o livro didático, utilizado como principal e muitas vezes a ferramenta de apoio ao ensino de conteúdo escolares, porém as práticas docentes vêm mudando desde do início do século XXI e as tecnologias passaram a ser utilizadas cada vez mais, com intuito de tornar as aulas interessantes e ativas.

Dessa forma, não seria diferente nas escolas, por isso os docentes estão buscando se atualizarem por meio da utilização de maneira mais eficaz das novas tecnologias de comunicação (TICs), como data shows, computadores e o acesso à internet. Assim, as TICs configuram-se como mais um recurso pedagógico no contexto escolar.

Essas tecnologias proporcionam aos alunos outras possibilidades de entender o conteúdo apresentado pelo professor, fomentando assim o senso crítico e contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, algumas instituições de ensino têm dificuldades econômicas para adquirir ou realizar a manutenção desses equipamentos, mas pode-se utilizar outras tecnologias mais acessíveis a essas situações, que possam trazer os mesmos benefícios educacionais ou similares.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre a importância das tecnologias no âmbito da educação escolar, de modo a tornar as aulas mais interativas e dinâmicas.

Para tanto, a metodologia de pesquisa refere-se a um estudo bibliográfico em busca do conhecimento através da literatura pertinente e artigos que discorrem sobre a temática abordada.

2 TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Com a evolução da tecnologia a humanidade vem adquirindo cada vez mais, diversos produtos e equipamentos que aprimoram e ampliam a qualidade de vida da sociedade. Dessa forma, as escolas precisam acompanhar esse crescimento, facilitando e englobando os discentes nos meios tecnológicos. Segundo Farias, (2016, p.14):

Essas tecnologias estão surgindo no espaço escolar, como estratégia didática pedagógica para facilitar a ação do professor em sala de aula, possibilitando aos alunos novos caminhos na busca da aprendizagem, podendo assim ser um cidadão crítico, utilizando dessas informações num processo seletivo para entender o seu cotidiano.

Nesse sentido, as instituições de ensino estão sendo pressionadas e incentivadas a adquirir novas tecnologias a fim de acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, mesmo sendo um equipamento não tão acessível com relação ao seu custo, porém é um investimento necessário para instituições educacionais. Menezes (2010), relata um pensamento similar, no qual fala que o custo dos equipamentos mais modernos seriam uma fantasia, além do custo de manutenção, sendo que possam possuir outras necessidades mais importantes a serem resolvidas, que aquisição desses novos equipamentos.

Para Silva e Morais (2014), há inúmeros motivos para inserir a tecnologia no âmbito educacional, sendo umas delas a interatividade, tornando os trabalhos mais colaborativos. Pereira e Copatti (2017), possuem alguns pensamentos semelhantes ao mencionado autor, pois consideram que o uso de tecnologias pode desenvolver ações sociais de maneira mais crítica.

Nesse sentido, os profissionais de educação precisam acompanhar essa tecnologia. Segundo Rodrigues (2009, p. 1):

Os profissionais da educação defrontam-se hoje com exigências de ordens diversas no sentido de incorporarem à sua prática em sala de aula as tecnologias de informação e comunicação (TICS).

Calado (2012), relata que os professores precisam inovar com novas tecnologias para superar os desafios que possam ocorrer. Os autores Anjos, Barroso e Silva (2013), compartilham dos mesmos pensamentos que o mencionado autor, uma vez que afirmam a importância de os profissionais de educação estarem constantemente se aperfeiçoando para auxiliar na aprendizagem dos alunos.

Com os nova forma de tecnológicos desenvolvidas para o aprendizado, os docentes precisam aguçar o interesse dos alunos para as novas informações que estão sendo apresentados, pois o conhecimento que pode ser adquirido depende em sua maior parte dos alunos em estarem aptos a receberem essas informações. Dessa forma, Farias (2016, p. 15), afirma:

Esse processo de ensinar dos professores acontece a partir do momento das experiências vivenciadas dos alunos, onde esses buscam compartilhar ideias, através das atividades que envolvem a gestão dos recursos tecnológicos em sala de aula com os professores para que haja uma interação, uma conversa entre ambos com intuito de construir conhecimentos sobre os assuntos, onde o processo de ensino aprendizagem não se separe e sim possibilite sempre a interação.

Sendo assim, vale salientar que a tecnologia é utilizada como uma fonte auxiliadora de aprendizagem, que se desenvolve ao passar do tempo. Dessa forma, o uso de tecnologias como projetor de imagens, data show, vem ganhando mais espaço em meio as instituições de ensino.

Silva (2013, p.14), afirma que:

Os recursos audiovisuais, com destaque para o data show, vêm sendo utilizados em larga escala no ensino superior, seguindo as recomendações do MEC e contribuindo para a docência, cujo o histórico é marcado pela inserção de recursos e tecnologias que ampliam as formas de ensinar, tornando-as mais criativas e prazerosas. Ressalta-se que o uso do Datashow deve levar em consideração o planejamento de cada disciplina e que, independente do aparelho, o mais importante é o conteúdo aplicado e a metodologia aplicada pelo professor em sala de aula.

Silva (2013), ainda afirma que dentre as inúmeras tecnologias voltadas para educação o uso do Datashow vem aumentando, mesmo tendo um alto custo na aquisição desse equipamento.

Scarpelini e Pazin Filho (2007), relatam que a absorção de informações é principalmente realizada pela visão, ou seja, os equipamentos audiovisuais, podem proporcionar uma melhor absorção dos conhecimentos passados pela utilização desse recurso, no qual possibilita ampliação do sentido da visão.

Em uma pesquisa, Silva (2013), avaliando o uso do data show no ensino superior em instituições privadas e públicas, revelou em um dos seus questionários respondidos pelos professores, que uma das maiores contribuições desse equipamento tornou as aulas mais motivadas, mais criativas, com mais clareza dos principais pontos abordados na aula destacados em suas apresentações, levando assim os alunos a ter uma maior concentração.

Outros recursos tecnológicos são o uso de computadores e o acesso à internet que auxiliam na busca de conhecimento em tempo real. Segundo Andrade (2011, p. 7):

As tecnologias como a internet e o computador são meios de comunicação, informação e expressão, e os educadores devem considera-los como mecanismos para esses três meios, inclusive como uma forma de expressão entre eles e os alunos.

Diante do exposto, Andrade (2011, p. 17), também afirma:

As tecnologias educacionais, computadores e internet, são ferramentas positivas para se auxiliar no processo de ensino aprendizagem, e que é a formação continuada do professor é fundamental para que ele esteja preparado para esse novo cenário.

Pontes, Pontes e Santos (2012), em um artigo intitulado, “O uso do computador como ferramenta de mediação pedagógica no sistema municipal de educação”, veem essa ferramenta como um meio de colaboração, de facilitação para os alunos em busca de conhecimentos, modificando sua forma de aquisição.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa sobre a importância dos recursos tecnológicos para a aprendizagem, demonstrou sua grande essencialidade, para o uso desses equipamentos, descritos ao decorrer do estudo, no âmbito educacional, propiciou, trazendo diversos benefícios, tanto para os docentes quanto para os discentes.

Ao término desse estudo, ressalta-se que, apesar do preço elevado desse equipamento, ele se tornou essencialmente importante nas aulas, melhorando a concentração dos alunos, ampliando sua motivação, além de tornar as aulas mais criativas e dinâmicas.

Portanto, o uso de recursos de audiovisuais é de suma importância, levando em consideração não somente os fatos descritos nesse artigo, mas também a ampliação das possibilidades que esses equipamentos possam atribuir em sala de aula.

4 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Paula Rocha de. **O uso de tecnologias na educação: computador e internet.** Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás. Brasília, p. 22. 2011.

ANJOS, José Wagner dos. ASSUMPÇÃO, Sergio Oliveira de. BARROSO, José Adailton da Silva. A inserção da tecnologia na educação: mudanças no papel docente. In: FORUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, **7. S.I. Anais. 2013. GT5 educação, comunicação e tecnologias.**

BORGES, Martha Kaschny; SCHIESSL, Elizane. A interatividade, autoria e cocriação na formação continuada docente. In: **Integração de Tecnologias na Educação: Práticas Inovadoras na Educação Básica**, Florianópolis, 2017. Florianópolis, v. 1, p. 21 - 27, 2017.

CALADO, Flaviana Moreira. O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 3, n. 5, p. 12-20, 2012.

FARIAS, Jozilene Ferreira de. **O uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula.** Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Sumé - PB: [s.n], 2016. 59 f

SCARPELINI, Sandro; PAZIN FILHO, Antonio. **Estrutura de uma aula teórica II: forma.** Medicina, Ribeirão Preto. v.40, n.1, jan./mar. 2007.

SILVA, Claudiene Diniz da. **O Uso do Data Show na Docência do Ensino Superior.** Universidade Federal do Piauí. <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre> Ano: 2013 – Volume: 6 – Número: 1.

SILVA, Edina Guardevi Marques; MORAES, Dirce Aparecida Foletto de. O uso pedagógico das tdc no processo de ensino e Aprendizagem: caminhos, limites e possibilidades. In: **os desafios da escola pública**

paranaense na perspectiva do professor-PDE. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3. Cadernos PDE, v. 1, Paraná, 2014.

MENEZES, Luiz Carlos. Ensinar com ajuda de tecnologia. **Revista Nova Escola**, N° 235, p.122, setembro, 2010.

PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; COPATTI, Carina. **Letramento Digital, formação docente e práticas pedagógicas: diálogos e aproximações.** In: Geografia: diálogos, reflexividades e aproximações/ PORTUGAL, Jussara Fraga; TONINI, Ivaine Maria; OLIVEIRA, Sinome Santos de. (Org.). Editora CRV, p. 143-153. Curitiba. 2017.

Pontes, Alzair Eduardo. Pontes, Shirley Gomes Ribeiro. SANTOS, Moacir José dos. O uso do computador como ferramenta de mediação pedagógica no sistema municipal de educação – goiatuba – goiás. The 4th **International Congress on University-Industry Cooperation** – Taubate, SP – Brazil – December 5th through 7th, 2012 ISBN 978-85-62326-96-7 ok

RODRIGUES, Nara Caetano. Tecnologias de informação e comunicação na educação: um desafio na prática docente. **Fórum Linguístico**, v.6, n.1 p.1-22, jan-jun, 2009.

POEMAS

Fim de Outono

Assuero Cardoso Barbosa¹

O inverno mal começou
Aqueço a alma e o cobertor
Dentro da minha madrugada
As palavras deitam em meu peito
E o sol espera com calma
Algum novo poema ou refeito.

Passado do meu abandono
O triste outono diz adeus
Abre os olhos dos sonhos meus
Dizendo-me vivo e sem sono
Na vasta incerteza da escuridão
Cala-se como quem não se despede
Ainda trôpego na linha que segue
Vai-se no trem da próxima estação.

Todos viram e verão estios
Nos verões do tempo a rimar quimeras
Não saberão que entre um verso e outro
Chuva, saudade e um frio absorto
Rabiscam poesias de primavera.

Lagarto-Sergipe
Em 21.06.2020

¹ Integrante da Academia Lagartense de Letras, cadeira nº 2.

Eu só queria

Edcleidson Souza¹

Eu só queria que o silêncio permanecesse para não poder mais ouvir o que pulsa dentro de mim.

Eu só queria estar longe daquilo que se torna cada vez mais perto, mas meu corpo suplica tua presença.

Eu só queria ser livre para poder voar no mais belo dos horizontes, mas meu grito devora os meus mais insaciáveis e indiscretos pensamentos.

Eu só queria ver você despida dizendo no meu ouvido que és minha.

Eu só queria ser uma estrela para através de sua luz reluzente refletir seu rosto por todos os lados.

Eu só queria ver o sol invadir a noite para que eu não sentisse a cruel solidão de não ter você comigo.

Eu só queria ser a luz que ascende seu olhar na busca da descoberta desse sagrado mistério.

Eu só queria ser o cosmo que irá nos unir eternamente.

Eu só queria degustar a maçã que jamais se esquece o sabor.

Eu só queria ser seu pão e sua comida para que você jamais esquecesse meu gosto.

Eu só queria ser a velocidade do vento para poder te alcançar, a força do mar para poder te prender a mim, a exuberância da natureza para poder te agradecer e a lua para podermos sentar sobre ela e nos beijarmos em uma noite sem fim.

Eu só queria que você entendesse que o que você sente é o mesmo que eu sinto, mas o seu medo manipula sua mente e seus mais profundos pensamentos.

Eu só queria que você não tentasse mais disfarçar essas emoções, pois somos cúmplices nisso tudo e não há mais como voltar atrás.

¹ Escritor e poeta.

Eu só queria ser o vinho que embriaga seus delírios e a taça que brinda seus desejos.

Eu só queria te levar a uma outra dimensão, onde a beleza desse lugar fizesse você enxergar o amor que há entre nós.
Eu só queria você para mim.

Poema à morte

José D'Assunção Barros¹

Estava nascendo
Podia sentir a sua respiração!
Não sabia ainda se seria um poema alegre
Ou triste,
Mas já percebia que seria intenso

Faltava pouco, muito pouco
Apenas algumas palavras
Encontrar a rima ou o ritmo final
E dar alguns retoques

Ah desgraça sem graça!
Musas impicantes,
Senhoras da pirraça!

Quase nascendo,
O poema não encontrou a rima
Quebrou o pé de maneira infame
Antes de dar o primeiro passo

¹ historiador e musicólogo. Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Olhou-me, triste,
Entre envergonhado,
E lamentoso
E foi puxado para o inferno
Das obras não realizadas

Enterrei-o de maneira singela,
Com honra
mas sem grandes funerais ...
E chorei pela sua alma
Durante toda uma semana

Às vezes, mesmo hoje,
Tão longe no espaço-tempo,
Posso ainda vê-lo à morte
Com a respiração ofegante
Diminuindo pouco a pouco
Coberto com o manto negro
Das palavras
Que apenas mancham papéis
Mas não frequentam a boca das pessoas
E nem mais serão lembradas

RESENHAS

Pierre de Ronsard e as impertinências do amor

Everton dos Santos¹

Pierre de Ronsard (1524-1585) foi um poeta renascentista, conhecido na França como o poeta dos príncipes e o príncipe dos poetas. Nasceu no castelo de *La Possonnière*, em Vendoma, território francês. Ele é o quarto filho de Louis de Ronsard e de Jeanne de Chaudrier. Durante sua juventude fora pajem da corte, acompanhando o futuro rei Henrique II (1519-1559). Aos 18 anos, por conta de uma doença, começou a ter problemas de audição, o que interrompeu sua promissora carreira como diplomata ou militar. Decide então dedicar-se ao estudo das letras.

Em 1543, recebe o primeiro grau de tonsura pelo bispo de Le Mans. No ano seguinte se instala em Paris. Nesse período funda, juntamente com Joachim Du Bellay (1522-1560) e Jean-Antoine de Baïf (1532-1589) o grupo *La Brigade*, que serviria mais tarde como base para a criação do *La Pléiade*. No ano de 1558, se torna o poeta da corte de Carlos IX (1550-1574), no momento a França passava por intensos conflitos religiosos, entre a monarquia católica e os huguenotes, como eram conhecidos os protestantes franceses. Defensor ferrenho do catolicismo, Ronsard vai gerar grande polêmica com a escrita de seus *Discursos* (1562-1563).

O poeta vai passar por uma intensa difamação de sua imagem como escritor, que ganhará ainda mais coro a partir da encomenda do rei Carlos IX, que lhe solicitou a composição de um poema épico de tema nacional, Ronsard falhará nas quatro primeiras tentativas de escrever a *La Franciada* (1572). Com a chega ao trono do rei Henrique III (1551-1589), perderá o seu cargo. O autor morrerá em Saint-Cosme, no ano de 1585. Ronsard fora completamente privado de sua fama nos seus últimos anos de vida, e suas obras entraram em profundo esquecimento durante um longo período.

¹ Graduando em História e bolsista do Programa de Educação Tutorial em História (MEC/FNDE) na Universidade Federal de Sergipe.

Como fora dito anteriormente, Pierre de Ronsard fez parte do grupo conhecido como La Plêiade, em alusão ao conjunto de estrelas da constelação de Touro. Faziam parte do La Plêiade, além de Ronsard, os poetas Joachim du Bellay (1522-1560), Jean-Antoine de Baïf (1532-1589), Rémy Belleau (1528-1577), Étienne Jodelle (1532-1573), Pontus de Tyard (1521-1605) e Jean Dorat (1508-1588). As ideias difundidas pelo grupo estavam presentes no manifesto *Defesa e Ilustração da Língua Francesa (1549)*, escrito por Joachim du Bellay, que dentre as principais ideias, se encontram a grande influência das obras greco-romanas e a valorização de que os escritos locais fossem feitos na língua francesa, em contraposição ao latim, que era a língua usualmente utilizada nas obras.

Os principais escritos de Pierre de Ronsard são poemas líricos e épicos, destacam-se entre eles as seguintes obras, com títulos traduzidos ao português: Primeiros quatro livros dos odes (1550), Os Amores de Cassandra (1552), Os Amores de Maria (1555), Discurso sobre as misérias deste tempo (1562-1563) e Sonetos para Helena (1578).

A obra analisada nesse texto, se refere a um compilado de poemas retirados do primeiro volume das Obras Completas de Pierre de Ronsard (1993), lançada pela editora francesa Gallimard. A escolha dos poemas e sua excelente tradução para a obra Pierre de Ronsard, o impenitente sedutor: 50 poemas de amor (2009), ficaram por conta do diplomata brasileiro Sérgio Duarte (1934-).

No livro, vamos encontrar diversos poemas endereçados a diversas mulheres que passaram por sua vida, entre elas: Maria, Cassandra, Helena, Astreia, entre outras. O formato dos poemas segue o soneto decassílabo, que são aqueles em que todos os 14 versos são compostos por 10 sílabas poéticas. É notório em Ronsard a influência sofrida por Petrarca, com a forte presença do humanismo renascentista, a expressão de sua própria personalidade e a elevação dos escritos da antiguidade.

O contexto histórico em que viveu Ronsard foi o período conhecido como Renascimento francês, que teve seu auge entre os séculos XVI e XVII. A difusão do pensamento humanista e outros ideais do Renascimento italiano, foram características marcantes desse movimento político, cultural, artístico e filosófico da Europa Ocidental. Porém, apesar dessa forte influência, o Renascimento na França vai ter as suas particularidades. Uma delas é o avanço moderado nas áreas da

arquitetura, escultura e na ciência. As principais proezas ficaram por conta da literatura e da filosofia, muito em partes pelos trabalhos de François Rebelais (1490-1553) e Michel de Montagne (1533-1592), respectivamente.

O valor da obra de Ronsard, vai além de sua grande sensibilidade para falar de amor e suas inconstâncias, e sobre as marcas deixadas pelo implacável passar do tempo. Seus poemas podem ser uma fonte histórica de imensurável importância para a análise das ideias difundidas no período histórico conhecido como Renascimento. Sendo assim, um útil dispositivo pedagógico para se utilizar no ensino de História. Vejamos dois exemplos de sonetos a seguir:

Quem desejar ver como Amor me afronta,
Como me ataca e sai-se vencedor
Trazendo ao coração frio ou calor
E de humilhar-me assim não se amedronta;

Ou ver a minha juventude pronta
A em vão seguir quem mágoas vêm lhe impor,
Venha me ler; verá que dessa dor
Minha Deusa e meu Deus não se dão conta.

Verá que Amor carece de razão:
É um doce abuso, uma feliz prisão,
É alimentar-se apenas de esperança;

Saberá que a ventura é fugidia
Para quem tem um cego como guia
E tem por seu mentor uma criança. (RONSARD, 2009, p.19)

Nesse primeiro soneto, dedicado a Cassandra, podemos observar algumas características importantes das ideias renascentistas. A primeira delas é a presença da palavra Amor, que não se refere somente ao sentimento humano, mas faz alusão ao deus grego Eros, ou Cupido, na mitologia romana. Outro aspecto podemos constatar na afirmação de que no Amor a razão é escassa, isso pode ser considerado como uma afirmação da relevância do uso desta qualidade nos indivíduos, e que os devaneios causados pelas setas do Cupido poderiam fazer com que esse racionalismo, um valor fundamental da época, fosse deixado de lado.

Amor, não sigo mais tua enganosa estrada,
Onde a razão perdi, e o rumo, e os verdes anos,
Onde sempre mais vi crescerem os desenganos,
E tão mal empreguei a juventude airada.

Pobre de quem confiar nessa criança alada,
Impetuosa e fugaz, que nos transforma os planos
Da primavera a flor nos rouba em seus enganos
Enchendo-nos de fé em crença equivocada.

O sangue o amamentou, juventude o nutriu,
A preguiça o matou, o cuidado o afligiu,
Entre volúpias vãs, qual fumo que se espalha.

Maria me prendeu, Cassandra me alegrou,
Já grisalho na corte, outra me enfeitiçou:
Labareda de amor é só fogo de palha. (RONSARD,
2009, p.37)

Ao observarmos este segundo soneto, também dedicado a Cassandra, mas que dessa vez traz uma mensagem um tanto quanto ressentida, podemos constatar, assim como em todo o livro, uma expressão intensa dos sentimentos humanos e da busca pelo prazer individual que a conquista da pessoa amada lhe concederia. Essa busca intensa pelos desejos carnavais, é conhecida como hedonismo, e também é uma característica marcante do Renascimento. Nesse ponto também destaque o individualismo, numa obra que se propõe a tratar apenas dos amores de Ronsard, em contrapartida a valorização da coletividade, tão presente na Idade Média. Nessa obra, encontraremos somente a busca e exaltação dos seus amores, sem a presença de nenhum tipo de ensinamento moral e religioso. Outras referências as concepções renascentistas podem ser discutidas a partir do livro, como o naturalismo, que aparece de forma evidente em outros sonetos.

Por fim, é necessário ressaltar a importante contribuição no campo da relação entre história e literatura que o livro pode proporcionar para aqueles que nele se lançarem para o estudo da mentalidade renascentista. Dessa forma, a obra se constitui como um excelente dispositivo de formação para o ensino de História, pois evidencia características importantes de determinado momento histórico, ao mesmo tempo que possui uma linguagem acessível e de

fácil compreensão. Além disso, a leitura de Pierre de Ronsard é uma ótima escolha para quem procura imergir e se identificar com as constantes impertinências que o amor é capaz de nos proporcionar.

Referências

BARBOSA, Fabi. La Plêiade, uma geração de poetas. **Recorte Lírico**, 2018. Disponível em: <<https://recortelirico.com.br/2018/10/la-pleiade-uma-geracao-de-poetas/>> Acesso em: 07 de junho de 2020.

BURNS, Edward Mcnall. A Expansão da Renascença. In:_____. **História da Civilização Ocidental vol. 1**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo. 1959. p. 518-548.

RONCARD, Pierre de. Pierre de Ronsard, o Impenitente sedutor: 50 poemas de amor. Trad. Sergio Duarte. Belo Horizonte, Tessitura, 2009.

RUIZA, M., FERNÁNDEZ, T. y TAMARO, E. Biografia de Pierre de Ronsard. **En Biografías y Vidas**: La enciclopedia biográfica en línea, 2004.

Disponível em:

<<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/ronsard.htm>> Acesso em: 07 de junho de 2020.

Dias e noites de amor e de guerra: Eduardo Galeano e a década de 1970 na América Latina

Matheus Santos Garcia de Carvalho¹

“Ninguém / Ninguém vai me acorrentar / Enquanto eu puder cantar / Enquanto eu puder sorrir / Ninguém / Ninguém vai me ver sofrer / Ninguém vai me surpreender / Na noite da solidão” (BUARQUE, Cordão, 1971).

Se algo pode ser dito sobre a História da América, a primeira coisa que vem à mente com certeza é a simbiose entre a ânsia revolucionária dos movimentos operários e camponeses que eclodiram ao longo do século XX – México (1910), Bolívia (1952), Cuba (1953), Guatemala (1954), Nicarágua (1979) – e a longa história de repressão dessas revoluções, que fomentaram ditaduras sangrentas entre o final dos anos 1950² e 1990 – quando Augusto Pinochet deixa o poder no Chile.

Esse processo que parece sintetizar o continente, em especial, aquilo que costuma se definir por América Latina foi representado pela literatura em *Cem anos de solidão* (1967) de Gabriel García Márquez (1928-2014), que narrando a saga dos Buendía e da vila de Macondo, acaba por ilustrar a História do continente, dos caudilhos, do sincretismo religioso, do Estado patrimonialista, no qual as relações de público e privado se confundem. “As estirpes condenadas a cem anos de solidão não têm uma segunda chance sobre a terra” (MÁRQUEZ, 2018, p. 427), é quase teleológico como o destino do continente, condenado a

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do Programa de Educação Tutorial em História/UFS (MEC/FNDE). matheus.sgc@gmail.com.

² A contar pelo golpe na Guatemala em 1954. E pela interrupção do processo revolucionário que se inicia na Bolívia em 1952, quando o Movimento Nacional Revolucionário (MNR) assume o controle da revolução e o presidente Paz Estenssoro (1907-2001) negocia a reforma agrária dentro dos limites burgueses. A Bolívia viveria uma ditadura militar a partir de 1964. Ver mais: BRUIT, 1988.

solidão, traça o futuro de seus sujeitos. Gabo ao nos encantar com uma realidade mágica, evidencia como essa magia se dilui, na violência de nossos coronéis e nos desencontros dos sonhos revolucionários que aqui brotaram.

Eduardo Galeano (1940-2015) foi um jornalista e intelectual uruguaio, cuja produção transpassa diversos gêneros, desde a ficção à História. Escreveu mais de 40 livros, entre eles o célebre *As veias abertas da América Latina* (1971), um dos textos fundamentais para História da América, *Futebol ao sol e a sombra* (1995), *O livro dos abraços* (1989) e *Dias e noites de amor e de guerra* (1978). Galeano, assim como outros intelectuais latinos, viveu e registrou o longo e obscuro século XX no continente.

Em *Dias e Noites de Amor e de Guerra*, Galeano mistura ensaios políticos e memórias das longas noites em exílio. As memórias são contadas de forma cronológica e perpassam pelos anos 70 em várias capitais e cidades latino-americanas, em especial Montevidéu e Buenos Aires, onde a maioria das histórias se passam. O autor expõe encontros com diversos nomes da História do continente como Salvador Allende, Che Guevara, Vladimir Herzog, Darcy Ribeiro, Alejo Carpentier etc.

Por se tratar de um livro de memórias, seus relatos em diversos momentos parecem envoltos pelos sentimentos do autor, a angústia do exílio, a dor pelo assassinato e desaparecimento de amigos e conhecidos, o medo, a revolta contra um sistema programado para eliminar a oposição, e em meio a isso tudo, as noites em que pôde beber na praia, sem horário para voltar ao hotel, em que se perdeu em caminhadas, as noites de amor.

A parte não memorialística, por assim dizer, apresenta algumas reflexões do autor, todos eles voltados à crítica das ditaduras então vigentes por praticamente todo o continente naquela década³, da repressão e supressão de direitos e do sistema capitalista. Os trechos intitulados “O sistema” são os mais diretos em suas críticas, como esse que fala sobre a influência da estrutura, do macro ao micro

³ Nos anos 1970 quase todos os países do continente passaram por regimes ditatoriais com o apoio estadunidense em maior ou menor escala, a partir da chamada operação condor e da teoria do efeito dominó, que movia as ações anticomunistas. Argentina (1966-1973), (1976-1983), Brasil (1964-1985), Bolívia (1971-1985), Chile (1973-1990), Equador (1972-1979), El Salvador (1931-1979), Guatemala (1954-1996), Nicarágua (1936-1976), Paraguai (1954-1989), Peru (1968-1980), Uruguai (1973-1984).

O sistema

Que programa o computador que alarma o banqueiro que alerta o embaixador que janta com o general que ordena o presidente que intima o ministro que ameaça o diretor-geral que humilha o gerente que grita com o chefe que pisa no empregado que despreza o operário que maltrata a mulher que bate no filho que chuta o cachorro. (GALEANO, 2019, p. 30)

É nítida a indignação com que Galeano escreve essas palavras, em tom de denúncia, como quem diz “olhe, um está a serviço do outro” Estado e Capital apertam as mãos enquanto pessoas somem, outras são torturadas e o milagre econômico acontece.

Como citado anteriormente, o uruguaio não estava sozinho, tantos outros artistas, intelectuais e políticos precisaram resguardar suas vidas exilados em outros países. No livro, diversos são os relatos de encontros clandestinos de Galeano e seus amigos, quase sempre acompanhados pelo desamparo de um novo amigo desaparecido, que momentos depois seria encontrado morto, ou nunca mais visto. No continente a repressão silenciou pessoas, porém não foi capaz de fazer calar as ideias. Estas viveram e resistiram, e como demonstra em seus relatos, em tempos difíceis a arte foi capaz de sustentar o coração dos homens e mulheres. Aos que sobreviveram, coube a tarefa de manter viva a memória daqueles que foram, como Galeano faz em Dias e Noites. E como diz Chico, “Enquanto eu puder cantar, alguém vai ter que me ouvir”.

Em suas viagens ao Brasil, especialmente ao Rio de Janeiro, Galeano narra uma memória com seu companheiro de profissão, “Vlado”, como chamava o jornalista Vladmir Herzog, que havia saído pela manhã para prestar depoimento, cuja tortura e assassinato nas instalações do DOI-CODI, em São Paulo fora divulgada como suicídio. A notícia dada por telefone, “Esta manhã saiu de casa e nunca mais foi visto”.

Vlado Herzog tomou banho, fez a barba; beijou a mulher. Ela não se levantou para acompanhá-lo até a porta.

- Não há o que temer – disse ele. – Me apresento, esclareço tudo e volto pra casa.

O noticiário da televisão, esta noite, saiu assinado por ele. Quando as pessoas viram o noticiário, já estava morto.

O comunicado oficial disse que ele tinha se enforcado. As autoridades não permitiram nova autópsia.

Vlado não foi enterrado no setor dos suicidas. (GALEANO, 2019, p. 81)

Em dias e noites de amor e de guerra, há um sentimento que toma conta da leitura e sem dúvidas é um nó na garganta, que sufoca as impressões e deixa desnordeado o leitor. Galeano viveu a década de 1970 no continente como talvez nenhum outro tenha vivido, do Rio de Janeiro a selva guatemalteca, de Montevideú a Quito. Suas vivências expõem um continente mergulhado em sangue, cujos processos de cada país nunca foram individuais, pelo contrário na América Latina não existiam fronteiras, seja no sonho de uma América Latina unida, seja na forma como os generais combateram a ameaça comunista e defenderam os interesses estadunidenses.

Ainda assim, se pôde continuar cantando, sonhando com um mundo mais igualitário e resistindo. Como bem coloca o professor Hector Bruit

Em um continente com estruturas sociais tão fracas, com uma burguesia que por suas atitudes sociais, políticas e econômicas parece não confiar muito no sistema que defende, acreditando também comandar uma sociedade faminta, explosiva por causa da injustiça, a revolução é sempre um horizonte e o imperialismo uma constante. (BRUIT, 1988, p. 12)

Mais de quarenta anos depois da publicação, cerca de três décadas passadas da queda dos últimos regimes militares, uma nova onda conservadora, de discurso anticomunista ronda o continente. Assim, a profecia de Melquíades parece seguir ditando o destino dessa estirpe condenada a cem anos de solidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUIT, Héctor H. **Revoluções na América Latina**: O que são as revoluções? São Paulo: Atual, 1988.

BUARQUE, Chico. **Cordão**. Rio de Janeiro: Philips Polygram, 1971. Vinil, 2:31 min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ptnnyYp9rEI>>. Acesso em 17 de maio de 2020.

GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de Solidão**. ed. 107. Rio de Janeiro: Record, 2018

Revista da Academia Sergipana de Letras

N. 07 - 26.12.2020

Dossiê José Corrêa Sobrinho

Publicação Oficial

Academia Lagartense de Letras

Formato 17cm x 25 cm

Tipologia Calibre

Páginas 84

